



## INTRODUÇÃO

Até pouco tempo, estávamos falando de algumas das diferenças linguísticas inerentes à fala do brasileiro, não é mesmo? Bom, ficou claro que tais diferenças nada têm a ver com algo deficiente, inculto ou qualquer adjetivo de cunho pejorativo, como fomos levados a acreditar ao longo dos anos. Pelo contrário, discutimos um pouco sobre uma crença equivocada em mitos linguísticos – porque construídos sem rigor científico – e descortinamos, de certa forma, parte dessa mitologia. Agora, chegou a hora de continuarmos essa discussão, destacando melhor alguns dos caminhos que a escola pode seguir para fazer sua prática educativa mais democrática e menos preconceituosa, em termos linguísticos. Antes de adentrar nessa questão, porém, sentimos a necessidade de apresentar um breve quadro sobre a natureza não heterogênea das línguas, a partir de exemplos do português falado no Brasil nos dias de hoje.



(Fonte: <http://letrados.zip.net>).

## O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E O UNIVERSO DA SALA DE AULA: QUE POSTURAS ADOTAR?



A discussão sobre a natureza essencialmente heterogênea das línguas é tema-objeto de discussão entre homens de diferentes épocas, com enfoques que vão desde uma abordagem de caráter diacrônico até os estudos ora caracterizados como sincrônicos, ganhando contornos bastante específicos nos dias atuais.

A delimitação (ou não) desse assunto prescinde de uma análise aplicada ao fenômeno da variação e aos assuntos que lhes são caros, a exemplo do preconceito lingüístico e do papel do profissional de Letras frente a esse fenômeno nas aulas de língua materna.

A par desse entendimento, buscamos, nas linhas a seguir, empreender uma discussão sobre a problemática do tratamento da variação lingüística na sala de aula, a partir do destaque às formas de alteridades e imposições sociopolíticas que marcam os fenômenos variáveis no território nacional e, igualmente, às principais abordagens que vêm sendo referendadas para uma democratização do ensino de língua portuguesa no Brasil.

### A NATUREZA HISTÓRICA DAS LÍNGUAS: A “VARIAÇÃO” COMO PALAVRA DE ORDEM

Todas as línguas são, por natureza, continuações históricas, ou seja, ao longo do tempo, não permanecem inalteráveis, não são homogêneas. Assim, a principal de suas características é, pois, a heterogeneidade, a capacidade de variar, de diversificar. A propósito,

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente

de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa, está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (BRASIL, 1998, p. 29)

Sincronicamente falando, podemos dizer que as variações observadas nas línguas podem ser relacionadas a fatores distintos: numa mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexo diferente, falam distintamente, embora não exista nenhuma relação de causalidade entre o fato de nascer em uma determinada região, ser de uma classe social privilegiada ou não, e falar de uma certa maneira. Logo,

em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguística, geralmente associadas a diferentes valores sociais. Mais ainda, em uma sociedade como a brasileira, marcada por intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante, o que se identifica é um intenso fenômeno de mescla linguística, isto é, em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998, p. 29)

Os falantes adquirem, então, as variedades linguísticas próprias a sua região, a sua classe social, etc. De uma maneira geral, podemos descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a) variação diatópica: é a que verificamos quando da comparação entre os modos de falar de lugares distintos; e b) variação diastrática: é a que observamos via contraste dos modos de falar das distintas classes sociais.

Bom, o estudo das relações existentes entre os fatores usados para classificar um falante (idade, sexo, escolaridade, origem geográfica, etc.) e o modo como ele fala (a variedade linguística dele) pertence ao campo da Sociolinguística. Essa disciplina surgiu na década de 1960, graças, principalmente, ao trabalho de William Labov, para quem a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico. Desse âmbito, as diferenças, observáveis nas comunidades em geral, são vistas, portanto, como um dado inerente ao fenômeno linguístico.

Na realidade,

(...) A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da

gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre o que se deve e o que não se deve falar e escrever, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, 1998, p. 29)

Como vimos na aula passada, a não aceitação dessa diferença é responsável por numerosos preconceitos linguísticos, facilmente observável, na mídia, nas relações sociais cotidianas, nos espaços institucionais, na escola, por assim dizer.

Dessa maneira, a rejeição a certas variedades/diversidades linguísticas encontra, de certa forma, um apoio em determinadas dicotomias que se sacralizaram ao longo do tempo: as “diferenças” entre fala e escrita, o falar não culto e o falar culto, regulado por uma “norma” estabelecida para “preservar” o bom uso da língua.

Lamentavelmente, a escola em muito contribuiu para que essas dicotomias e mitos se perpetuassem socialmente e hoje, mais do que nunca, é lícito chamar a atenção para seu papel na desconstrução do preconceito que ajudou a consolidar. Compete a essa instituição de difusão do saber científico democratizar os usos da linguagem, com vistas a promover a inclusão social. Nesse sentido,

O professor de língua materna que se limita a realimentar tais mitos em sala de aula contribui para a manutenção do conservadorismo linguístico que conduz ao preconceito e à exclusão social. Trata-se de um mecanismo cíclico, que se repete geração após geração: o aluno de hoje será o professor de português de amanhã. Este tenderá a repetir os métodos e conceitos passados a ele durante o período escolar. É necessário quebrar esse ciclo e é justamente nesse ponto que entram os conhecimentos e preceitos da Sociolinguística. (GARRÃO NETO, 2004, p. 42).

Ora, apesar de não ser o objetivo central da Sociolinguística discutir a questão da norma e a sua inter-relação com o ensino de línguas, graças às suas pesquisas, muitas aberturas e possibilidades de aplicação têm sido trazidas para a compreensão das variantes de uma língua quando ocorrem nos textos produzidos por alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, por exemplo.

Para discutirmos a questão da produção de texto na escola e a sua relação com a diversidade linguística, vale a pena analisar as condições em que se ensina /aprende “redação” na escola. De uma maneira geral, podemos dizer que as atividades de escrita desenvolvidas em sala de aula são fortemente marcadas por uma pedagogia tradicional, baseadas no certo vs errado. Ou seja, a modalidade linguística por meio da qual os alunos são “autorizados” a escrever é aquela  $\frac{3}{4}$  supostamente homogênea  $\frac{3}{4}$  descrita nas gramáticas e compêndios didáticos do português.

### Variante

O termo variante é utilizado nos estudos de sociolinguística para designar o item linguístico que é alvo de mudança. Assim, no caso de uma variação fonética, a variante é o alofone. Representa, portanto, as formas possíveis de realização. No entanto, na linguística geral, o termo variante dialetal é usado como sinônimo de dialeto.

Não fosse apenas isso, o problema da relação entre norma e variação linguística, aparentemente pedagógico, cruza linhas com a questão social e linguística da adequação de variedades “não-padrão” como sistema de comunicação. Trata-se, portanto, de um problema que, para ser encarado no processo de ensino-aprendizagem, depende de uma abordagem interativa da língua, centrada nas variedades de uso dos grupos sociais.

Para efeito de ilustração, destacamos abaixo exemplos de variações comuns nos textos dos alunos, que normalmente são consideradas “probleáticas” pelos professores de língua materna:

- *Fonéticas*:

- a) anulação da oposição fonética entre /e/ e /i/ ou /o/ e /u/ em posição pretônica: (cebola/cibola e bonita/bunita);
- b) redução da marca de gerúndio –nd para –n (vivendo/ viveno);
- c) tendência a nasalizar a sílaba inicial /i/ por analogia ao prefixo in (mortadela / mortandela);
- d) sínopes nas proparoxítonas (xícaras/xicras);
- e) neutralização da oposição entre o ditongo /ou/ e o /o/ fechado: (louco/loco);
- f) neutralização da oposição entre o ditongo /ei/ e o /e/ fechado (peixe/peixe);
- g) ausência do –r final do infinitivo dos verbos (comer/comê);
- h) tendência à omissão do –s final indicador de plural dos nomes;
- i) redução dos ditongos crescentes em sílaba final (anúncio/ anunço);
- j) desnasalização de nasais finais (homem/home);
- l) vocalização das consoantes palatais (ramalhete/ ramaiete);
- m) passagem de /l/ a /r/ nos grupos consonantais (placa/ praca);
- n) passagem de /r/ a /l/ (garfo/galfo);
- o) epêntese de vogais em palavras com consoantes mudas (advogado/adevogado).

- *Sintáticos*

- a) não concordância entre sintagma nominal e/ou entre o sintagma verbal (**os menino / nós fez**);
- b) o emprego do “ele” como acusativo e ausência do objeto pronominal (**Eu vejo ele / Eu vejo** )
- c) apagamento do objeto direto/clítico reflexivo (**Eu machuquei** em lugar de **Eu me machuquei**)
- d) cruzamento do pronome de 1ª pessoa -**EU**- com o pronome de 3ª pessoa - **se** (**Eu saí e se diverti muito**).

Diante de tais casos, que postura deve o professor adotar? Ora, não estamos aqui para trazer uma receita, uma fórmula para melhorar o ensino, mas não queremos nos omitir em apontar alguns pontos de discussão,

afinal... Bom, não podemos negar que os fenômenos acima apontados merecem o nosso respeito, porque são usados corriqueiramente pelos falantes de língua portuguesa, representando variações em relação àquelas formas consideradas bonitas e saudáveis pelo viés tradicionalista dos estudos gramaticais. Pois bem, pensemos no assunto.

Hoje, mais do que nunca, uma tarefa fundamental da pedagogia do ensino de línguas é despertar a consciência do aluno para a adequação das formas às circunstâncias do processo de comunicação. No dizer de Bechara (1997),

A grande missão do professor de língua materna – no ensino de língua estrangeira o problema é diferente – é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua –, possibilitando-lhe escolher a língua funcional<sup>1</sup> adequada a cada momento de criação e até, no texto em que isso se exigir ou for possível, entremear várias línguas funcionais para distinguir, por exemplo, a modalidade lingüística do narrador ou as modalidades praticadas por seus personagens. (p. 14)

Dessa maneira, para compreendermos, pedagogicamente, o fenômeno da variação lingüística, precisamos considerar os diversos usos da língua, bem como a relatividade desses usos em relação a situações concretas de interação. Nesse sentido, os agentes pedagógicos deverão rever o privilégio que a escola sempre conferiu à função informativa ou referencial da linguagem, atentando para as suas várias formas de realização.

Posicionar-se lingüisticamente e pedagogicamente dessa forma significa ultrapassar a visão de língua como um código, elemento do processo comunicativo para cuja aprendizagem bastaria o domínio de um conjunto de regras, compreendendo sua natureza complexa e contraditória, suas relações com as noções de registro e variação, seus aspectos sociofuncionais. Tal postura estaria pautada no princípio da ampliação das formas de interação por meio da linguagem.

Nesse contexto é que podemos situar o papel da língua culta: ela se constitui como uma instância a mais de aprendizagem, uma outra possibilidade de compreensão/expressão, ao lado de tantas que a escola sempre deixou fora de seus muros.

De acordo com Possenti (1997), o mais importante é que o aluno possa vir a dominar efetivamente o maior número possível de regras de uso, isto é, que ele se torne capaz de se expressar nas mais diversas circunstâncias, segundo as exigências e convenções dessas circunstâncias.

Livia Suassuna (2002), ao tratar da relação entre a variação lingüística e a produção de texto, apresenta as seguintes metas a serem alcançadas:

- superar a visão de língua como um sistema homogêneo e de gramática como descrição e julgamento sobre elas;

- entender a dimensão social e cotidiana da prática lingüística;

- c) compreender as condições sócio-históricas de construção das variedades;
- d) expor-se aos mais diferentes tipos de manifestação linguística;
- e) apreciar criticamente os diversos usos da linguagem e seus efeitos;
- f) viver experiências que ampliem a competência para lidar com todos os tipos de variedades linguísticas;
- g) fazer opções e soluções diante do conjunto do sistema linguístico, em função dos contextos de interação;
- h) expressar-se através dos mais diversos registros.(p.197)

Ao professor de língua portuguesa, portanto, cabe ter presente que as atividades de ensino devem proporcionar aos seus alunos o domínio de uma outra forma de falar o língua culta, sem que isto signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social, etc. Assim agindo, estará contribuindo para o processo de inclusão social via facilitação à compreensão e respeito à diversidade linguística.

### CONCLUSÃO

De acordo com o que vimos na aula de hoje, o posicionamento da escola diante do fenômeno da variação linguística é ainda bastante discriminatório, à medida que prima por uma modalidade de uso da língua como a sendo a única maneira de expressão linguística, negligenciando outras formas de comunicação igualmente válidas, que integram a manifestação linguística de muitos alunos.

Como sabemos, tal variação ocorre em ambientes linguísticos distintos, e, sendo comuns na expressão oral desses alunos, passam a integrar, inclusive, o corpo dos seus textos escritos. Isso faz com que certos professores os discriminem, tratando-os como “deficientes”, “ignorantes” ou outros termos de conotação jocosa. Sabemos, igualmente, que essa é uma postura retrógrada e pouco produtiva para a aprendizagem de nossa língua materna, à medida que amplia um ciclo de preconceito social e, claro, muitas vezes distancia o discente das atividades ligadas à disciplina denominada de Língua Portuguesa. Isso torna ainda mais evidente um desafio aos profissionais da área: mudar a face desse ensino por meio da democratização dos saberes linguísticos diferenciados, afinal, o bloqueio de acesso ao poder deve ser rompido e a democratização dos usos da linguagem é um dos caminhos.

## RESUMO

Nesta aula, dando continuidade ao que já havíamos explorado anteriormente, enfatizamos a idéia de que as línguas são caracterizadas pela heterogeneidade, pelo fenômeno da variação. Assim, encaminhamos uma discussão sobre os fatores corriqueiramente ligados a esse fenômeno, apresentando tipos de variação e validando a disciplina que se preocupa em descrever essa especificidade – a *Sociolingüística*. Na seqüência, destacamos alguns dos caminhos para o professor lidar com esse aspecto da língua materna em sala de aula, a fim de que possa tornar o ensino de uma língua viva, marcada pela diversidade de registros, pela capacidade de variar.



## ATIVIDADES

1. Como vimos na aula de hoje, o texto escrito dos alunos pode conter registros lingüísticos considerados classicamente como “erros” pelos professores de língua materna. Para você, que atividades pode esse professor desenvolver junto a seus alunos para apresentar-lhes a noção de variação, em lugar da de erro?



## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Apesar de essa resposta ser bem pessoal, seria uma ótima que você destacasse o fato de esses professores poderem mostrar as diferenças decorrentes das variações lingüísticas a partir da leitura dos textos dos próprios alunos, não é mesmo? Bom, é um caminho possível, mas é preciso ter muito cuidado, porque, na realidade, o professor precisa mostrar ao aluno que não se trata de um erro, mas de uma possibilidade de uso da língua. Para isso, talvez seja oportuno mostrar trechos escritos, seja em músicas, tiras em quadrinhos, revistas... diferentes daquele normalmente consagrado pela escola, a fim de que os alunos percebam onde e quando podem usar a multiplicidade de registros.

## LÍNGUA FUNCIONAL

A expressão “língua funcional” é usada por Eugênio Coseriu (1980) para definir cada modalidade de língua - homogênea e unitariamente - que os falantes podem colocar em uso.

### PRÓXIMA AULA



Na próxima aula, iniciaremos uma discussão sobre o ensino de leitura na escola, buscando responder em que medida tal habilidade pode ser vista como instrumento de decodificação, informação e, inclusive, de re-provação.



### AUTO-AVALIAÇÃO:

Fim de aula, início de sua avaliação crítica sobre o que aprendeu, lembra? Vamos lá?! Será que você consegue definir os conceitos de variação lingüística, diferenciar os seus tipos mais freqüentes e identificar como as escolas de Educação Básica vêm trabalhando essa temática na escola? Olhe, olhe, olhe... esses são os objetivos destacados para a aula, viu!!!! Registre na escala seguinte a nota que você mesmo se daria e tente justificá-la.

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Justificativa:

Se tiver dúvidas com relação a cada um dos conteúdos da aula, anote-as, procure o tutor e tente saná-las. Ah, você também terá um fórum de discussão sobre esta aula na nossa plataforma. Participe! Nosso abraço!!!

## FIQUE POR DENTRO

**Sociolingüística** é o ramo da lingüística que estuda a relação entre a língua e a sociedade.

Há três termos importantes para a sociolingüística que podem ser facilmente confundidos entre si:

**Varietade** - A variedade é o termo que corresponde, grosso modo, ao termo dialecto. Assim, por exemplo, as variedades do português setentrional são os dialectos do português falado no norte de Portugal. A variedade *standard* é o padrão lingüístico de uma comunidade. Sociolingüisticamente, é comum encontrar a variedade *standard* junto dos centros de decisão e de poder de uma comunidade. Assim, em Portugal, a variedade *standard* é a falada na região de Lisboa. Contudo, na comunidade lingüística do Brasil a variedade *standard* está associada às variedades de várias capitais estaduais. Cada variedade lingüística tem uma gramática própria igualmente válida. Dentro de cada variedade há tensões e grupos sociais com traços próprios. Dentro de cada variedade lingüística há variação interna em função dos vários critérios: idade, sexo, escolaridade, etc.

**Variante** - O termo variante é utilizado nos estudos de sociolingüística para designar o item lingüístico que é alvo de mudança. Assim, no caso de uma variação fonética, a variante é o alofone. Representa, portanto, as formas possíveis de realização. No entanto, na lingüística geral, o termo **variante dialetal** é usado como sinónimo de dialecto.

**Variável** - A variável é o traço, forma ou construção lingüística cuja realização apresenta variantes observadas pelo investigador.

Embora o aspecto social da língua tenha chamado a atenção desde cedo, tendo tido relevância já no trabalho do lingüista suíço Ferdinand de Saussure no início do século XX, foi talvez somente nos anos 1950 que este aspecto começou a ser investigado minuciosamente. Pioneiros como Uriel Weinreich, Charles Ferguson e Joshua Fishman chamaram a atenção para uma série de fenómenos interessantes, tais como a diglossia e os efeitos do contacto lingüístico.

Mas pode-se dizer que a figura chave foi William Labov, que, nos anos 1960, começou uma série de investigações sobre a variação lingüística – investigações que revolucionaram nossa compreensão de como os falantes utilizam sua língua e que acabaram por resolver o paradoxo de Saussure.

Disponível em <http://pt.wikipedia.org>

## REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática**. Opressão? Liberdade? 9 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: língua portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- COSERIU, Eugenio. Lições de lingüística geral. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- GARRÃO NETO, Ernani Machado. A sociolingüística na formação do professor de língua materna: quebrando o ciclo da exclusão. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Formação em letras e pesquisas em linguagem**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2004.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1997.
- SUASSUNA, Lívia. Variação lingüística e produção de texto – um estudo de caso. In: VALENTE, André (org.). **Aulas de português** – perspectivas inovadoras. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Endereço eletrônico: <http://pt.wikipedia.org>